



**Ao atual governo cabe a "culpa" de ter abolido o alucinógeno da inflação**

**O** sujeito vivia se queixando de uma torturante dor nos pés.

Um belo dia, um colega de trabalho descobriu a causa de seu sofrimento e, bem-intencionado, procurou aconselhá-lo: "Fulano, eu reparei que seu pé é tamanho 40 e você só usa sapatos 38... Por que você não passa a calçar o seu número?"

Para quê!

O homem ficou uma fera: "Por acaso você sabe algo da minha vida? O chefe me persegue há anos, ganho um salário miserável, passo mais de quatro horas no ônibus, moro num casebre e, ainda por cima, a minha mulher me abandonou!"

"E daí?"

"Daí que o meu único prazer é poder chegar em casa e descalçar os sapatos... Será que até disso vocês me querem privar?..."

Essa história, apesar de antiga, merece ser relembrada. Ela é de grande pertinência no atual momento, quando se constatam não só a rápida queda de prestígio da política econômica como também manifestações de abalizadas autoridades pregando o retorno de um "pequeno e controlado" índice de inflação. Alega-se para tanto que tal relaxamento na austeridade monetária traria, como contrapartida, grandes benefícios no campo social...

Sou, obviamente, cético quanto à proposta. Primeiro, porque não confio na idéia de que tigres, uma vez fora da jaula, venham a tornar-se vegetarianos. Segundo, porque as supostas benesses sociais de tal atitude são, quando muito, ilusórias. Mas, mesmo assim, por mais absurda que pareça, essa surpreendente "nostalgia inflacionária" tem lá a sua razão de ser.

Ao menos segundo os psicólogos, o sonho é indispensável para a vida. Por meio dele os homens podem extravasar as suas decepções, "realizar", interiormente, os seus anseios mais

## De ilusão também se vive...

íntimos e começar um novo dia com as frustrações da véspera atenuadas. A sonoterapia sempre foi um excelente remédio para o estresse. O realismo, em alta dose, traumatiza a mente humana. Vigília permanente é atalho certo para o manicômio...

Transponhamos tal conceito para o campo sociológico e já começamos a compreender as disfunções emocionais que a "verdade dos preços" acarreta.

Recordo-me, como exemplo, de uma desconcertante palestra que tive a infelicidade de proferir nos primórdios do Plano Cruzado.

Após expor exaustivamente as vantagens da estabilização da moeda, fui surpreendido pelo questionamento de uma respeitável senhora de classe média: "Eu tinha uma caderneta de poupança no valor de CR\$ 50 milhões, que me rendiam, todos os meses, algo como CR\$ 10 milhões. Metade dessa renda eu reaplicava e a outra metade (CR\$ 5 milhões) era suficiente para pagar todas as minhas despesas mensais. Depois do plano, a minha renda mensal caiu para ridículos Cz\$ 2,5 mil, o que não chega sequer para pagar as prestações da minha TV... E o senhor ainda me vem dizer que tudo isso é bom?"

Tentei explicar-lhe que a sua suposta renda mensal anterior era ilusória, uma vez que os juros reais mensais eram de 0,5% ao mês e o resto não passava de correção monetária, ou seja, mero ajuste do seu patrimônio pela inflação do período.

Tudo em vão.

"Olhe, doutor, ilusório ou não, o fato é que aquele dinheiño todo caía na minha conta todo mês... E dava muito bem para eu viver!"

Os aplausos, inflamados, da platéia demonstraram-me que era mais prudente calar-me...

O fato é que a inflação, apesar de erodir o patrimônio dos mais pobres e ter um perverso efeito concentrador de renda,

era uma "corrente da felicidade", uma ilusão coletiva que, paradoxalmente, acabava por anestesiar a todos.

■ Os poupadões acreditavam estar amealhando fortunas.

■ Os empresários não se preocupavam com produtividade, uma vez que podiam repassar aos preços todos os seus custos.

■ O setor financeiro podia dispensar o fator risco, uma vez que vivia folgadamente do "overnight" dos saldos de seus clientes.

■ Os comerciantes podiam estabelecer a margem de lucro que desejasse.

■ A carga fiscal era menor, uma vez que no período entre o fato gerador e o recolhimento dos impostos havia uma significativa erosão dos valores reais.

■ Os líderes sindicais gozavam de prestígio porque logravam obter aumentos salariais "significativos" dos patrões. Estes, por sua vez, eram mais complacentes nos dissídios, já que qualquer aumento na folha era automaticamente acrescentado aos preços de venda.

■ Os periódicos aumentos do salário mínimo eram festejados pelos numericamente atraentes porcentuais que apresentavam.

■ E os trabalhadores, por fim, sentiam-se mais bem remunerados a cada "significativo" reajuste que obtinham. Quando seus salários começavam a virar pó, vinha um novo "aumento" e o ciclo de euforia recomeçava...

Voltemos, agora, ao assunto principal deste artigo.

Apesar de a moeda estar estabilizada há quatro anos, o tema do momento é "crise".

As indústrias ou se tornam mais produtivas, desempregando parte de seus funcionários, ou simplesmente quebram, desempregando todos.

Aos bancos, diante das novas realidades, restam poucas opções: redimensionamento, fusão, venda ou, simplesmente, quebra.

O comércio, a duras penas, tenta conciliar a redução da demanda, a diminuição das margens de lucro, o aumento da carga tributária e o crescimento da inadimplência.

Os trabalhadores, sem o "lança-perfume" periódico dos reajustes salariais, passam a conhecer o seu real poder aquisitivo e, consequentemente, se revoltam.

O Estado, sem a inflação, passa a conhecer os seus verdadeiros custos e é obrigado a cortar despesas e privilégios, de um lado, e a abrir mão de atividades inócuas, de outro.

Os eternos miseráveis, antes ignorados, ganham força e visibilidade ao ter seus contingentes engrossados por seguidas levas de desempregados.

Quase todos estão descontentes e uma boa parte entende que "a culpa é do Fernando Henrique".

Talvez seja... Mas – cabe a pergunta – culpa por quê?

Ao que se saiba, por indicadores confiáveis:

■ A miséria não aumentou. Ao contrário, levando em conta o Brasil como um todo, ela diminuiu de forma significativa.

■ A economia não se fragilizou. Produz-se mais e melhor do que nunca.

■ A globalização não foi uma invenção perversa deste governo. Coube-lhe apenas adaptar-se a ela, o que tem feito com razoável eficiência.

■ A seca no Nordeste existe desde os tempos coloniais. E, se o governo atual não tomou medidas com a eficácia pretendida, cabe lembrar que nenhum outro, anterior, ao que se saiba, se saiu melhor.

Se alguma responsabilidade cabe ao atual governo, é o fato de ter abolido o alucinógeno da inflação.

E a verdade dos preços, quando restabelecida, traz consigo uma série de outras verdades que, por incômodas, preferimos, desde sempre, ignorar.

Infelizmente, os sonhos, as ilusões, uma vez desmascarados, não há como retomá-los.

E não adianta ficar dizendo que a solução é o Lula, o MST ou o retorno controlado da inflação...

A não ser que, como o personagem acima, entendamos que, quando as coisas não vão como gostaríamos, o melhor a fazer é calçar sapatos 38...